

Carlos Nogueira (org.), José Saramago: A Escrita Infinita, Lisboa, Tinta-da-China, 2022 (400 pp.)

Daniel Vecchio Alves
(UFRJ/FAPERJ)

José Saramago: A Escrita Infinita é um livro organizado por Carlos Nogueira, diretor científico da Cátedra José Saramago da Universidade de Vigo, e foi publicado pela editora Tinta-da-China em 2022, ano em que se celebrou o primeiro centenário do nascimento do Nobel de Literatura de 1998. Os 21 textos reunidos nesta comemorativa coletânea representam apenas uma parte das conferências e comunicações apresentadas ao longo da V Conferência Internacional José Saramago da Universidade de Vigo, realizada virtualmente entre os dias 18 e 21 de dezembro de 2020.

O livro, fruto desse encontro, apresenta um considerável volume de quase quatrocentas páginas de ensaios sobre a obra saramaguiana, reunindo uma gama de jovens e experientes especialistas de diversos países e continentes. Entre os pesquisadores mais experientes, encontramos, por exemplo, Miguel Koleff, coordenador da Cátedra Libre José Saramago, da Universidade de Córdoba; Manuel Frias Martins, um dos grandes investigadores dos estudos portugueses com várias publicações sobre a obra saramaguiana; Miguel Real, escritor, ensaísta e professor de filosofia, autor também de várias publicações acerca da obra e da vida de Saramago; entre outros pesquisadores.

O misto entre pesquisadores mais experientes com os jovens e talentosos investigadores da nova geração, e que também marcam forte presença nessa reunião de ensaios, prova que Saramago motivou e continua a motivar muitos leitores e estudiosos em todos os tempos e recantos do mundo. Portanto, Saramago é um autor que porta não somente uma “escrita infinita”, como já anuncia o título da coletânea, mas também uma ‘leitura infinita’, no sentido de

que sua geração de leitores se renova a cada estação, como os saramagos do campo.

Considerando ser José Saramago um autor muito prestigiado dentro e fora das academias internacionais já há algumas décadas, qualquer estudo acerca do escritor torna-se, atualmente, uma tarefa desafiadora, principalmente no que diz respeito à reprodução e ao engessamento da crítica, que muitas vezes se depara, em seu momento de elaboração, com a dificuldade de construir uma leitura nova sobre alguma determinada obra literária. Os ensaios de *José Saramago: A Escrita Infinita* encaram tais desafios com maestria, proporcionando uma leitura bastante original e fluída sobre esse autor magistral que nos legou um número surpreendente de obras premiadas.

Apesar de ser uma reunião de estudos com problemas de investigação e perspectivas teórico-conceituais por vezes bastante distintos, é possível observar, por outro lado, que os ensaios reunidos por Carlos Nogueira convergem para uma mesma noção de infinito que está na base da escrita saramaguiana. Esse eixo, que aproxima tal diversidade de estudos e estudiosos, tende a desmistificar as leituras convencionais que apontam, nas composições literárias de Saramago, uma aporética infinidade de elementos em que significados e representações são relativizados e mantidos em suspenso.

Indo para além dessa tendência desconstrucionista, muitos dos ensaios aqui reunidos caracterizam as narrativas de Saramago como resultado de uma escrita profundamente implicada com a existência e a estética. Nesse sentido, é plenamente possível repararmos na perspectiva conceitual comum que há entre a maior parte dos ensaios, principalmente na forma como reconhecem e se amparam no esforço pela construção do sentido e do significado empreendido por Saramago durante toda sua carreira literária; eis o ponto de convergência que mostraremos a partir de agora.

Segundo o próprio Miguel Real, um dos ensaístas dessa antologia crítica, a frase ou efeito cético de Saramago que muitos confundem com a chave desconstrucionista, “não conduz a um resultado aporético, mas a um desejo de esperança (“não te resignes”), pelo qual [...] nos aproximamos cada vez mais da verdade, sabendo que esta é sempre humana e, portanto, possível de revisão” (Real 2021, 189). É especificamente por esse viés que parecem seguir os ensaios de *José Saramago: a escrita infinita*, principalmente ao proporem compreender como Saramago opera a representação estética da sociedade, evidenciando ideias e imagens alternativas da vida social, rompendo o véu das determinações históricas dominantes.

É possível identificar e reparar a análise desse esforço saramaguiano pelo sentido desde o primeiro texto da antologia, intitulado “Ensaio sobre a Cegueira e Ensaio sobre a Lucidez: estética e engajamento promovidos por José

Saramago”, de autoria de Vera Lopes da Silva (PUC-MG). Tal estudo se propõe a abordar o paralelo existente entre os campos semânticos de “estátua/aparência” e de “pedra/essência” para criar uma aproximação com o pensamento de Karl Marx e defender “a exposição do método marxista do materialismo histórico como instrumento estético saramaguiano” (Silva 2022, 20). Na parte final do estudo, Vera Lopes revela que “a predominância do discurso monológico, conforme o pensamento de Mikhail Bakhtin (2006), [...] fundamenta a posição engajada da voz autoral [de Saramago] e sua relação intrínseca com o marxismo” (Silva 2022, 20).

Associar os ciclos de aparência/essência do método marxista ao próprio movimento escritural do autor português nos parece um caminho promissor a ser desdobrado pela estudiosa da PUC-MG. A aproximação mais direta do seu ensaio com o problema nuclear da escrita infinita se dá mesmo quando, segundo a ensaísta, a escrita saramaguiana é tomada como “uma transfusão de sangue para o lado de fora”, nos ditos do próprio Saramago, sendo essa transfusão exterior a marca das infinitas gotas de sangue derrubadas para a manutenção da sociedade capitalista e que circulam pelas veias axiológicas do autor de *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) e *Ensaio sobre a Lucidez* (2004), os objetos de análise do ensaio.

Referência explícita ao problema nuclear da antologia, a “escrita infinita”, pode ser observada também no ensaio intitulado “O Ano da Morte de Ricardo Reis (1986): o labirinto que Saramago construiu para Ricardo Reis”, de Filipe Reblin, doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Nesse estudo, o ensaísta nos afirma o seguinte: “Ao pensarmos na escrita saramaguiana, vamos perceber com clareza o quanto nela reside uma tentativa de se ampliar a visão limitante [...] que há sobre o passado” (Reblin 2022, 120). Nesse sentido, acrescenta o autor que “Ao escrever, Saramago também fez a sua própria leitura dos acontecimentos, refletindo uma multiplicidade de vozes e visões, sem que, com isso, estabelecesse algum discurso documental ou [...] oficial” (120).

Desse embate, Saramago passa a “conceber uma nova forma de escrever, ouvir e ver. É nessa tentativa de descoberta do que, porventura, esteja oculto, no rompimento entre o que é verdadeiro e falso, [...], que José Saramago concebe o seu romance” (121). A partir desse modo de enxergar a escrita infinita saramaguiana, Reblin cria uma leitura intertextual em que persegue os cruzamentos entre o Ricardo Reis pessoano e o Ricardo Reis de Saramago, tendo em vista que em ambos a escrita exercerá sua forma problemática de conexão com a realidade, o que acontece, principalmente, por meio da leitura de jornais censurados do período inicial do Estado Novo português.

Em meio aos controlados meios de comunicação, o Reis saramaguiano perpassa inúmeras situações (a PIDE, os bodos, a revolução da marinha, as reações críticas de Lídia, os cegos andarilhos seduzidos pelo templo de Fátima etc.), situações que lhe dão motivos suficientes para não mais “crer em leituras de jornais manipulados pelo regime” (Reblin 2022, 129). Com isso, o ensaísta teve a sensibilidade de perceber a inquietude do Reis saramaguiano, desassossegado por “Essa percepção/necessidade de ser algo além de espectador, [...]” (132) e que o faz percorrer constantemente as ruas da cidade.

Segundo Reblin, o desassossegado do Reis de *O ano da morte* se intensifica ainda mais no momento em que até podíamos achar “que talvez Lídia fosse a saída de Ricardo Reis do labirinto, ao assumir o papel de cidadão consciente dos problemas que lhe rodeava. No entanto, [...]. embora queira, é difícil ser alienado diante de tantas injustiças” (135) vividas na Lisboa de 1936. Por isso, para continuar a ser quem pessoalmente sempre foi, “O fantasma de Pessoa parece lhe antever que o melhor caminho para todos os seus dilemas seria a morte” (135).

Logo, nem a ataraxia de Ricardo Reis suportara às cruéis políticas econômicas e sociais dos primeiros anos da ditadura salazarista, situação que permaneceria por décadas. Portanto, “Reis, [...], conclui que só existe um caminho a ser seguido: partir com Fernando Pessoa, já que se provava impossível não se incomodar com os que nos cercam e ser indiferente diante dos acontecimentos do mundo. Ricardo Reis escolhe sua partida, retornando para a sua irreal existência, [...]” (Reblin 2022, 136).

Entre os ensaios seguintes, encontramos alguns dedicados a *O Conto da Ilha Desconhecida* (1997), dos quais evidenciamos o ensaio “À procura da «Ilha Desconhecida»: cartografia do Homem”, escrito por Maria Leonor Castro, do Agrupamento de Escolas de Celorico de Basto. Nesse estudo, reverberando a questão da escrita infinita em José Saramago, a ensaísta ressalta que, no conto analisado,

[...], os espaços adquirem uma acentuada dimensão simbólica e a obra revela-se uma espécie de parábola ou alegoria, já que a viagem que no plano do discurso significa a procura da ilha representa a viagem interior, percurso iniciático de autoconhecimento necessário para que o homem construa os seus significados, a sua visão do mundo, assumindo a responsabilidade dos seus atos, descobrindo e criando a sua existência autêntica, construindo a sua perspectiva axiológica. (Castro 2022, 169)

A abertura da viagem no plano do discurso como consequência da procura da ilha desconhecida nos dirige ao ponto nuclear da coletânea, que é a escrita infinita como “percurso iniciático de autoconhecimento [...] criando a sua

existência autêntica” (Castro 2022, 169) e não apenas sua desconstrução. Não à toa que Maria Leonor Castro, ao abordar a questão da revelação do conhecimento verdadeiro no conto em análise, adentra no “poder demiurgo da palavra” representada em sua trama pelo fato de “o homem [do barco] ter linguagem de marinheiro mesmo não o sendo, ao que ele responde: ‘se tenho a linguagem é como se o fosse’” (Saramago 2015, 33). Ou seja, para Castro a escrita infinita saramaguiana é essa linguagem que permite múltiplas existências autênticas e não a ausência ou desconstrução delas.

Como abordar essa tônica do livro de Carlos Nogueira sem falar do ensaio que mais dialoga com o problema titular da antologia: o ensaio «Aprender a morrer... José Saramago e a escrita da finitude», de autoria de Monica Figueiredo, Professora e Pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq. Monica Figueiredo aborda em seu estudo como, na obra *As Intermittências da Morte* (2005), José Saramago dialoga com a escrita e o pensamento de Montaigne, filósofo que realizou um “refinado trabalho de glosa” (Figueiredo 2022, 181) para dar forma aos seus famosos *Ensaio*s. Segundo a ensaísta da UFRJ, “Na impossibilidade de dizer a morte, a linguagem artística firma-se, [...]. Necessita-se de uma linguagem para representar a morte, porque terapêuticamente a lembrança dos mortos sempre sobrevive através de falas esteticamente arrumadas” (182).

A escrita infinita saramaguiana atinge os meandros da própria morte em *Intermittências* tamanha abertura semântica que sua dinâmica provoca no texto romanescos, ocupando “uma forma de vazio e um espaço de ausência, porque ela existe para ocupar o lugar de algo que carece de nomeação. [...]”. Desse modo, o discurso ficcional enfrenta o vazio da própria morte, a morte do sentido e do sujeito em meio “ao caos imposto pela inexorável passagem do tempo que encaminha a todos para o derradeiro fim” (Figueiredo 2022, 183-184).

Para fechar seu estudo com maestria, Monica Figueiredo traz à discussão a sociologia da morte de Jean Ziegler que muito se aproxima ao que vínhamos tratando de ‘esforço pela reconstrução do sentido nas obras de José Saramago’: “Não se pode esquecer que ‘a dupla existência dissimétrica de uma consciência destinada a perdurar e de um corpo marcado pela finitude’ (Ziegler 1977, 87) conhece manifestações diversas, e talvez a que mais interesse ao trabalho de um ficcionista é a que estabelece a positividade dos mortos, pois ‘os mortos continuam a agir para além da morte’ (87), permanecendo vivos graças à memória dos que não os deixam morrer” (Figueiredo 2022, 187-188).

Estamos aqui diante do problema da própria morte do sentido, ponto complexo e ameaçador a Saramago, assim como lhe fora ameaçadora a questão da perda dos referentes, problema que o escritor português tratava muitas vezes com certo desdém, distanciando-se das teses de Barthes e demais defensores da

crise dos paradigmas, a começar pela tese barthesiana acerca da “morte do autor”: “[...]: desde o momento em que um fato é contado, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, [...], produz-se este desfasamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa” (Barthes 2004, 58).

De forma geral, Barthes e a maioria dos pensadores pós-estruturalistas compartilham de um pressuposto comum sobre o giro linguístico, a saber, que a linguagem humana perde seu estatuto de mediadora entre o mundo e a interpretação do mundo. Tal proposição abalaria profundamente, por exemplo, o conceito de “autor-narrador” de Saramago, na medida em que subtrai da linguagem o poder de descrição de um mundo vivido que, supostamente, se apresentaria na sua essência.

Após essas e outras questões, Monica Figueiredo retoma Saramago para evidenciar mais uma importante questão: “[...] se é o romance que impede o homem de esquecer-se, ou se é a impossibilidade do esquecimento que o leva a escrever romances’ (Saramago 1989, 56)” (Figueiredo 2022, 188). Com essa reflexão final, a ensaísta nos encaminha às últimas considerações do seu estudo, incitando o leitor a procurar mais perguntas e possibilidades de respostas nos próximos capítulos da antologia.

E assim ocorrerá, caso o leitor perdure nas infinitas páginas dessa coletânea ao se deparar com o ensaio “Um Elogio da Lentidão: A Viagem do Elefante como metáfora da vida”, de José Vieira, Pesquisador do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. Nesse estudo, Vieira contribui para a abordagem nuclear da antologia demonstrando ao leitor o seguinte ponto estratégico de *A viagem do elefante* (2008): “[...], no final do romance, ainda que Subhro venha a desaparecer e Salomão morra dois anos depois da chegada a Viena, são eles e não o rei português ou o arquiduque austríaco quem vão superar o tempo, [...]. Os seus gestos e as suas atitudes são cristalizados pela palavra literária, enfim, pela ficção transformada no Belo que redime” (Vieira 2022, 209).

O ensaio de José Vieira evidencia o dialogo possível entre o texto literário de *A viagem do elefante* e obras como *Elogio da Lentidão*, do ensaísta e neurocientista italiano Lamberto Maffei, ou como *A Expulsão do Outro*, do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, bibliografias que ajudam o estudioso a compreender como “A viagem de Salomão é uma metáfora da vida, da condição humana e de todas as suas perspectivas, dos seus incidentes e imprevistos, dos seus momentos felizes e de reflexão” (Vieira 2022, 218).

Seguindo pelo caminho dos elefantes a ser percorrido pela escrita infinita saramaguiana, chegamos ao labirinto arquivístico de *Todos os nomes* (1997), que opera, segundo o ensaísta Álvaro Domingues, geógrafo da Universidade do

Porto, “[...] como um dispositivo narrativo que abre para uma infinidade de direcções de escrita, ora focada na personagem, ora no narrador, nos pensamentos de um e de outro, nos espaços percorridos ou nos tempos passados e presentes que acodem a memória e às falas: [...]” (Domingues 2022, 294).

Em seu ensaio intitulado “Espaços Multiplicados em Todos os nomes”, Domingues revela que no romance em análise, “Saramago prefere o labirinto enquanto espacialidade incerta [e por que não infinita] onde se admitem todas as bifurcações da razão e do acaso, todo o imprevisível, todas as conexões secretas, lugares sem saída, divagações e pesadelos, a realidade ilusória e as outras” (Domingues 2022, 304). Nessa linha (re)construtiva dos sentidos, o ensaísta acrescenta, por meio da citação de Banõn (1999, 293), que

“No labirinto anseia-se aprender o caminho, sendo a memória do percurso desde a entrada a única coisa que pode garantir, voltando atrás, a saída”. Por isso existe um fio de Ariadne na Conservatória, mas, nas incursões que Sr. José faz pela cidade na sua demanda pelos lugares [...], apenas sabemos de fragmentos de percursos e de uma geografia intermitente explorada em estado de ansiedade e de intensa introspecção: [...]. (Domingues 2022, 304-305)

Percorrendo “lugares incógnitos [...], uma espécie de infinita navegação” (Domingues 2022, 319) pela existência, José Saramago traça uma reflexão que não podia ser contida apenas numa dimensão infinita, não constituidora de finitudes, tamanha sua inquietação pela busca dos sentidos e das identidades. Seu posicionamento se apresenta de forma mais ampla se comparado tanto aos extremistas cétricos que insistem não diferenciar real de ficção quanto daqueles que não enxergam suas aproximações vitais, sugerindo-nos a percepção de uma terceira via romanesca que oscila entre os dois planos. Para Saramago, portanto, a realidade não pode ser reduzida à poeira da Conservatória, pois com ela se extinguiria toda a vivência dos indivíduos em sociedade.

Em síntese, a antologia crítica organizada por Carlos Nogueira encontrou na escrita infinita um problema nuclear que forneceu aos ensaios novas perspectivas de estudo e leitura acerca da sociedade histórica e atual representadas nas obras de José Saramago. A escrita infinita saramaguiana, por meio desta importante coletânea de estudos, nos levou, assim, a representações de um imenso tempo corrente entre o coletivo e o individual, entre a memória e a rememoração, entre a escrita e a reescrita, promovendo, assim, a crítica sobre uma zona estética constituída de acontecimentos, memórias e registros incompletos, acrescidos com o esforço poético e investigativo que poucos como Saramago souberam dosar.

Do que foi exposto pelos ensaios, pode-se dizer, por fim, que toda a ficção saramaguiana é, e não pode deixar de ser, parte do real, não pode deixar de

perpassar finitudes diversas no amplo e dialético movimento das totalidades filosóficas. Por isso, concluímos que a leitura de *José Saramago: a escrita infinita* se torna imprescindível por evidenciar ao seu leitor precisamente uma poética saramaguiana de consciência intensa, criativa e plenamente voltada para o presente, o que nos leva em direção a um horizonte poético de ação e representação, e nunca a um infinito vazio ou a um refúgio utópico das ideias.

Bibliografia

- Barthes, Roland. 2004. *O rumor da língua*. 2.^a ed. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes.
- Castro, Maria Leonor. 2022. “À procura da “Ilha Desconhecida”: cartografia do Homem”. In Nogueira, Carlos (org.). *José Saramago: A Escrita Infinita*. Lisboa: Tinta-da-China, 169-178.
- Domingues, Álvaro. 2022. “Espaços multiplicados em *Todos os Nomes*”. In Nogueira, Carlos (org.). *José Saramago: A Escrita Infinita*. Lisboa: Tinta-da-China, 293-320.
- Figueiredo, Monica. 2022. “Aprender a morrer... José Saramago e a escrita da finitude”. In Nogueira, Carlos (org.). *José Saramago: A Escrita Infinita*. Lisboa: Tinta-da-China, 179-198.
- Silva, Vera Lopes da. 2022. “Ensaio sobre a Cegueira e Ensaio sobre a Lucidez: estética e engajamento promovidos por José Saramago”. In Nogueira, Carlos (org.). *José Saramago: A Escrita Infinita*. Lisboa: Tinta-da-China, 17-40.
- Real, Miguel. 2021. *Pessoa & Saramago*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Reblin, Filipe. 2022. “O Ano da Morte de Ricardo Reis: o labirinto que Saramago construiu para Ricardo Reis”. In Nogueira, Carlos (org.). *José Saramago: A Escrita Infinita*. Lisboa: Tinta-da-China, 119-138.
- Vieira, José. 2022. “Um Elogio da Lentidão: A viagem do Elefante como metáfora da vida”. In Nogueira, Carlos (org.). *José Saramago: A Escrita Infinita*. Lisboa: Tinta-da-China, 199-220.